



Afro-Ásia

ISSN: 0002-0591

revista.afroasia@gmail.com

Universidade Federal da Bahia

Brasil

Taborda Moreira, Terezinha  
Memória e história em Campo de trânsito, de João Paulo Borges Coelho  
Afro-Ásia, núm. 42, 2010, pp. 109-124  
Universidade Federal da Bahia  
Bahía, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77020008004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



## MEMÓRIA E HISTÓRIA EM *CAMPO DE TRÂNSITO*, DE JOÃO PAULO BORGES COELHO

*Terezinha Taborda Moreira\**

**J**oão Paulo Borges Coelho é um intelectual moçambicano nascido no Porto, em 1955, filho de pai português e mãe, avó e bisavó moçambicanas, nascidas no Ibo. Daí sua opção pela nacionalidade moçambicana. É, também, historiador dedicado à pesquisa e ao ensino de História Contemporânea de Moçambique na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Maputo. Em entrevista a Gil Filipe para o Jornal Macua de Moçambique, o autor informa-nos que a escolha pela história contemporânea resulta de sua consideração sobre a necessidade de lembrar as coisas boas e as coisas ruins vividas pelo país desde o Estado Novo, nos anos 1930, até os conflitos da pós-independência, passando pela luta nacionalista pela libertação. Afinal, como o próprio João Paulo Borges Coelho afirma na referida entrevista: “Nós temos um problema de memória, esquecemos muito”.<sup>1</sup>

A fala do autor sinaliza um viés pelo qual podemos abordar sua obra:<sup>2</sup>

\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas Gerais.

<sup>1</sup> Gil Filipe, “Entrevista com João Paulo Borges Coelho”, Jornal Macua de Moçambique, <[http://macua.blogs.com/moçambique\\_para\\_todos/2006/08/joao\\_paulo\\_borges\\_hotml](http://macua.blogs.com/moçambique_para_todos/2006/08/joao_paulo_borges_hotml)>, acessado em 30/09/2008.

<sup>2</sup> João Paulo Constantino Borges Coelho estreou na literatura em 2003 com o livro *As duas sombras do rio* (Editorial Caminho). A esta obra seguem-se *As visitas do Dr. Valdez* (Editorial Caminho, 2004), pelo qual recebeu, em 2005, o Prêmio José Craveirinha de Literatura, promovido pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) em parceria com a Hidrelétrica de Cahora Bassa (HCB); *Índicos Índicios I. Sententrião* (Lisboa: Editorial Caminho, 2005); *Índicos Índicios II. Meridião* (Lisboa: Editorial Caminho, 2005); *Crônica da Rua 513.2* (Lisboa: Editorial Caminho, 2006); *Campo de trânsito* (Lisboa: Editorial Caminho, 2007) e *Hinyambaan* (Lisboa: Editorial Caminho, 2008).





a relação entre história e memória. O pano de fundo da escrita de João Paulo Borges Coelho é a história de Moçambique no período pós-independência, marcado pela guerra civil. Em Moçambique, contrariamente a Angola, não existiam interesses econômicos internacionais expressivos. Por isso, somente o movimento de libertação liderado pela Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO – estava ativo. Parece haver consenso, entre os estudiosos, de que esse fato fez com que a independência de Moçambique fosse vivida com um enorme sentimento de esperança e o país conseguisse estabelecer a paz.<sup>3</sup> A nacionalização fez com que os líderes do movimento assumissem o país sem estar preparados para tomar em suas mãos um estado moderno. Imediatamente depois, e em resposta à impotência para gerir a administração pública nos primeiros anos da independência, foi implementada no país uma série de políticas cujos efeitos viriam a ser sentidos por muitas décadas. Entre essas, se destacam a destruição do sistema de saúde rural existente, baseado em hospitais missionários, a remoção forçada das populações para aldeias comunais, a destruição do sistema de distribuição comercial, a rapina do setor privado da economia e a constituição de campos de reeducação.

Estudiosos como João de Pina Cabral<sup>4</sup> e Carlos Serra<sup>5</sup> ponderam que a história do frelimismo é marcada por uma busca incessante de legitimidade, que se intensifica depois da perda da confiança que as populações rurais tinham depositado na FRELIMO como resultado da desestruturação processada na vida econômica urbana. Em poucos anos, iniciou-se, no país, uma guerra civil acompanhada de uma grave crise no sistema de distribuição alimentar. No princípio, a Resistência Nacional Moçambicana – RENAMO –, força que se opunha à FRELIMO, foi apoiada pelos governos nacionalistas da África do Sul e pelas forças da Rodésia. Contudo, com o passar dos anos, a Rodésia deu lugar ao Zimbábue, cujas forças lutavam agora do lado da FRELIMO. O envolvi-

<sup>3</sup> A esse respeito, confira: Carlos Serra, *Novos combates pela mentalidade sociológica*, Maputo: Livraria Universitária - UEM, 1997; João de Pina Cabral, “Crises de fraternidade: literatura e etnicidade no Moçambique pós-colonial”, *Horizontes Antropológicos*, n. 24 (2005), pp. 229-53.

<sup>4</sup> Cabral, “Crises de fraternidade”.

<sup>5</sup> Serra, *Novos combates pela mentalidade sociológica*.



mento das forças do país vizinho, contudo, em nada mudou a direção da guerra. Para João de Pina Cabral, este fato tornou patente que a guerra não era causada por interferência externa – uma “guerra de desestabilização”, como defendido pela FRELIMO, mas resultava da insatisfação e da falta de confiança política nos gestores do país. Entre os anos 70 e 80, Moçambique amargou uma guerra civil que, segundo João de Pina Cabral,

era sustentada por um profundo sentimento de desengajamento em face do aparelho de Estado, por parte das populações rurais do Norte do país, devido à forma como este tinha passado diretamente, e sem qualquer negociação de poder, das mãos da administração colonial para uma elite urbana majoritariamente changana, sediada no Sul do país.<sup>6</sup>

No início da década de 1990, depois da queda do Muro de Berlim e um pouco antes da subida ao poder do Congresso Nacional Africano - ANC, na África do Sul, deixou de haver qualquer financiamento externo para a continuação da guerra. Os recursos do país estavam totalmente esgotados. Efetuaram-se, então, por iniciativa de movimentos ligados às igrejas, negociações em Roma, em 1992, entre as lideranças dos dois movimentos. Como resultado, foram realizadas eleições democráticas em 1994, sob a égide das Nações Unidas e, mais tarde, ocorreram novas eleições, em 1999 e em 2004. A FRELIMO e o seu candidato a presidente foram declarados vencedores.

Para Carlos Serra e João de Pina Cabral, no momento da independência, a FRELIMO teria presumido que seria capaz de impor à população uma concepção moderna de Estado-Nação, vale dizer, uma nação moçambicana. A FRELIMO teria desconsiderado o fato de a identidade nacional não ser uma realidade objetiva e inquestionável, mas sim o resultado de uma série de representações erigidas para a criação de um sentimento de pertença.<sup>7</sup> Nesse ímpeto, teria rejeitado as formas de poder tradicional baseadas na religião, origem étnica ou linhagem aristocrática, que teriam podido auxiliá-la na construção de uma identidade nacional, para propor a criação de um novo país. Poucos anos

<sup>6</sup> Cabral, “Crises de fraternidade”, p. 236.

<sup>7</sup> Benedict Anderson, *Nação e consciência nacional*, São Paulo: Editora Ática, 1989.





após a independência, Moçambique estava devastado e endividado internacionalmente. Havia guerra e fome por todo o território.

A escrita de João Paulo Borges Coelho reflete acerca desse tempo e o refrata, propondo uma discussão sobre o contexto sócio-histórico-cultural de Moçambique na pós-independência. Porém, o escritor põe de lado o preceito historicista da restituição e representação total do passado e trabalha na perspectiva da apresentação do passado pela memória. Nessa perspectiva, o passado moçambicano é reconstruído a partir do presente. Segue o autor a linha proposta por Walter Benjamin quando defende que o historiador deve visar à construção de uma montagem, vale dizer, de uma colagem de escombros e fragmentos de um passado que somente existe na sua configuração presente de destroço.<sup>8</sup> E por meio da memória, (re)inscreve os traços deixados pelos tempos da pós-independência moçambicana no presente do país, enquanto propõe uma modalidade de relação com o passado que redimensiona a percepção sobre a identidade moçambicana.

Assim, *Campo de trânsito*<sup>9</sup> insere o leitor na experimentação dos impactos da “revolução frelimiana”<sup>10</sup> sobre Moçambique. Aqui, o autor parece construir uma metáfora política e social dos “centros de reeducação” criados pela FRELIMO nos anos 70 e 80. Analisando a reorganização política de Moçambique após a independência, Carlos Serra informa-nos que o objetivo central dos revolucionários frelimianos era “mudar os homens, regenerando o Antigo e criando o Novo”.<sup>11</sup> O autor esclarece que, ao assumir a administração de Moçambique, a FRELIMO estava imbuída de um “protocolo utopiano de regeneração social” e, para cumpri-lo, adotou um conjunto de medidas interligadas que compreendia a educação política em todos os níveis escolares. Nas palavras de Carlos Serra, o objetivo dessas medidas seria

combater os “reaccionários” e o desvio ideológico, as “estruturas políticas retrógradas”, a sabotagem económica, o desemprego, a vagabun-

<sup>8</sup> Walter Benjamin, “Teses sobre o conceito de história”, *Obras escolhidas*, Magia e técnica, arte e política, São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 222-32.

<sup>9</sup> João Paulo Borges Coelho, *Campo de trânsito*, Lisboa: Editorial Caminho, 2007.

<sup>10</sup> Serra, *Novos combates pela mentalidade sociológica*.

<sup>11</sup> Serra, *Novos combates pela mentalidade sociológica*, p. 97.



dagem, o afluxo às cidades, etc. Uma atenção muito particular foi dada à “infiltração”, à “detecção” e à “denúncia” dos “elementos infiltrados”. E dado que o “inimigo” era encarado como polimorfo, uma tarefa fundamental consistia no seu inventário, um pouco como, antes, os Portugueses procediam em relação aos “corpos”. Na verdade, se no passado se fazia digamos que o cadastro dos corpos úteis para o trabalho, agora tornava-se indispensável fazer o cadastro dos inimigos da mentalidade revolucionária e do Homem Novo. Aparece um amplo quadro de inimigos: membros das organizações “fantoques” coloniais, agentes da polícia secreta portuguesa, sabotadores econômicos, “operadores psicológicos”, apologistas do capitalismo, defensores e praticantes de qualquer tipo de exploração do homem pelo homem, racistas, tribalistas, regionalistas, agentes do imperialismo, venais e corruptos (especialmente prostitutas), críticos da linha política da FRELIMO, promotores de greves, da divisão do “lucro fácil”.<sup>12</sup>

Incluía-se também, nessas medidas, a decisão de aglomerar as populações dispersas, a fim de buscar soluções para problemas de saúde, educação, abastecimento de água e luz, comunicações, dentre outros. Dessa aglomeração, ainda segundo Serra, teriam surgido as Aldeias Comunais e teriam sido criados os centros de recuperação “destinados a todos aqueles que fossem portadores dos vícios coloniais, nomeadamente vadios e prostitutas”.<sup>13</sup> Posteriormente, os centros de recuperação foram transformados em “campos de reeducação” e para lá foram enviados “vários tipos sociológicos de inimigos da revolução”.<sup>14</sup>

Refletindo a ambientação do espaço Moçambicano sob o ideário da FRELIMO, *Campo de trânsito* conta-nos sobre J. Mungau, um trabalhador que, como tantos outros, vive em Maputo num pequeno apartamento de um prédio velho e, numa certa noite, é acordado com pancadas ritmadas na porta do seu apartamento. J. Mungau é preso e transportado para um Campo de Trânsito, espécie de limbo em que, estando-se preso sem se estar efetivamente preso, aguarda-se a transferência para uma prisão definitiva. Os motivos de sua prisão não lhe são revela-

<sup>12</sup> Serra, *Novos combates pela mentalidade sociológica*, p. 99.

<sup>13</sup> Serra, *Novos combates pela mentalidade sociológica*, p. 100.

<sup>14</sup> Serra, *Novos combates pela mentalidade sociológica*, p. 100.



dos. Por isso, J. Mungau vive uma história kafkiana que ganha espessura na rede de relações que aqueles que o cercam estabelecem entre si – o Professor, a mulher do Professor, o Chefe da Aldeia, sua filha – Desengonçada Garça –, o Vendedor de Chá, os feirantes, o Diretor e o Bexigoso.

Assim, a reflexão proposta pela narrativa segue as diretrizes da literatura menor, na concepção que dela nos dão Deleuze e Guattari de “quebrar as formas” ideológicas propostas pelo ideário frelimiano e marcar rupturas e novas derivações no contexto moçambicano.<sup>15</sup> Como literatura menor, *Campo de trânsito* reconstrói um conteúdo sobre a revolução frelimiana que está, necessariamente, “em ruptura com a ordem das coisas”.<sup>16</sup>

A expressão dessa ruptura vai ser evidenciada, por exemplo, no devir-animal que caracteriza as personagens com os quais J. Mungau contracena no *Campo de trânsito*: o Bexigoso, homem “maciço, um tudo-nada gordo até, pescoço taurino, cabeça rapada”,<sup>17</sup> que, uma vez por mês, traz novos prisioneiros para o local; a esquiva mulher do Professor, em cuja mão direita faltam três dedos e os dois restantes, o polegar e o indicador, conformam “uma pinça de insecto” com a qual ela maneja os objetos;<sup>18</sup> o Diretor do campo, cujas mãos parecem “duas pequenas aranhas movendo-se diligentes”;<sup>19</sup> a filha do Chefe da Aldeia, Desengonçada Garça, “um comprido pássaro assustado” com “muitos ossos frágeis para quase nenhuma carne”.<sup>20</sup>

Estudando o devir-animal kafkiano, Deleuze e Guattari observam que ele corresponde a “um conjunto de estados, todos diferentes uns dos outros, implantados no homem no momento em que este procura uma saída”.<sup>21</sup> Por isso, os estudiosos consideram o devir-animal kafkiano uma linha de fuga criativa que se constitui a partir de “um único e mesmo processo que substitui a subjectividade”.<sup>22</sup> A progressiva perda da

<sup>15</sup> Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Kafka. Para uma literatura menor*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2002, p. 57.

<sup>16</sup> Deleuze e Guattari, *Kafka*, p. 58.

<sup>17</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 11.

<sup>18</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 50.

<sup>19</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 61.

<sup>20</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 91.

<sup>21</sup> Deleuze e Guattari, *Kafka. Para uma literatura menor*, p. 69.

<sup>22</sup> Deleuze e Guattari, *Kafka*, p.69.



subjetividade marca os prisioneiros do Campo de Trânsito, para os quais a adaptação é um fator decisivo, que depende, diretamente, da progressiva consciência da impossibilidade de ser diferente:

Quase sem se aperceber Mungau começa a fazer com que o seu comportamento se assemelhe ao dos restantes, deixando nascer dentro de si uma permanente atenção a quem faz o quê para ver se vale a pena fazer também. Rindo quando os outros riem, ou então calando-se. Esta atitude de certa maneira incomoda-o, como se fosse humilhante adoptar uma solução que não tenha origem numa escolha própria. Não há contudo alternativa a esse tipo de cedência.<sup>23</sup>

Diante da impossibilidade da diferença, o Campo de Trânsito se configura como um espaço de tensão, onde o sentimento de individualidade deve ser negociado entre alguns provisórios momentos em que o sujeito procura escapar à sua condição primeira de prisioneiro. A este não resta sequer o alívio de permitir-se enfeitiçar por alguma vaga ideia de “verdade, justiça, evidência, e mesmo liberdade”, por serem esses “conceitos inertes, sem qualquer utilidade” no Campo de Trânsito,<sup>24</sup> lugar onde o “enfeitiçamento” esbarra na racionalidade do protocolo utópico de regeneração social da FRELIMO:

E o prisioneiro segue-o como se estivesse enfeitiçado. Não o está, obviamente, porque na racionalidade do Campo de Trânsito não existe espaço para fenómenos deste tipo. Mas a veemência é idêntica à de um feitiço, tal a esperança que os prisioneiros têm de ver os respectivos problemas finalmente esclarecidos e resolvidos.<sup>25</sup>

Completam Deleuze e Guattari que o devir-animal não tem nada a ver com um movimento apenas aparente, pois nele a desterritorialização é absoluta, a linha de fuga é programada, a saída é construída. Por isso, o devir-animal tem dois polos reais: um, propriamente animal, e outro familiar. Nele o animal oscila “entre o próprio devir inumano e uma familiarização demasiado humana”.<sup>26</sup> Por isso, as novelas animalistas de Kafka, “ao

<sup>23</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 47.

<sup>24</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 188.

<sup>25</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 56.

<sup>26</sup> Deleuze e Guattari, *Kafka. Para uma literatura menor*, p. 70.





atingir o real, sendo escritas no próprio real, não deixam de ser apanhadas na tensão de dois polos ou de duas realidades opostas”.<sup>27</sup>

É essa tensão entre dois polos ou duas realidades opostas que parecemos assistir no devir-animal que marca os personagens com que J. Mungau contracena no Campo de Trânsito. Ela ecoa as linhas centrais da utopia e da unidade defendidas pela FRELIMO,<sup>28</sup> e faz com que uma das primeiras lições que J. Mungau deve aprender no Campo de Trânsito refira-se ao significado da coletividade:

“Muito bem, 15.6 (és o 15.6, não é verdade?), como nos explicarias o que é a colectividade?”

Mungau levanta-se, clareia a voz e arrisca, hesitante:

“Bom... acho que a colectividade é um corpo só, um corpo que resulta da união de várias singularidades”.

Segue-se uma explosão de gargalhadas. (...)

“Quem pode completar a modesta tentativa do 15.6?” (...)

“Muito bem, 13.2. Não esperava outra coisa de si, vir em socorro de um companheiro em apuros. Diga-nos então onde estão os limites da tese do seu colega. Ou melhor, as limitações...”, (...)

“A singularidade é uma categoria forçosamente limitada”, diz o 13.2.

“Portanto, uma união simples de singularidades só poderia resultar numa singularidade que, embora maior, continuaria a ser também ela limitada. Na definição do colega falta um aspecto fundamental, que é o da transformação. Uma colectividade é, isso sim, uma união de singularidades transformadas!”

“Muito bem, 13.2. Transformadas! Boa definição de colectividade”, diz o Professor. “O grave erro em que muitos incorrem é o de manter invariável a singularidade, o de adicionar entidades que não têm um denominador comum”.<sup>29</sup>

A transformação que se espera ver em J. Mungau parece ser a de alcançar o sentido de coletividade e colocar-se em condições de participar de um coletivo que, parece-nos, resultaria da eliminação dos conflitos que se verificam na contraposição de dois espaços, dois polos, ou duas realidades que se opõem: o Campo Antigo e o Campo Novo.

<sup>27</sup> Deleuze e Guattari, *Kafka*, p. 71.

<sup>28</sup> Serra, *Novos combates pela mentalidade sociológica*, p. 97.

<sup>29</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, pp. 75-6.



O Campo Antigo é o espaço da perspicácia, da inteligência, que existe “para a expiação do crime da memória”.<sup>30</sup> Nele estão os velhos

prisioneiros-arqueólogos [que] afadigam-se a escavar a terra à procura dos segredos que esta cala dentro. [...] Descascam o grande fruto que habitamos, avançando camada a camada, pele a pele, com o fito de chegar ao grande caroço interior, a explicação de todas as coisas.<sup>31</sup>

Aos objetos escavados pelos velhos, o Chefe da Aldeia trata com grande satisfação, “como se fossem elementos fundamentais para que essa vida antiga pudesse prosseguir para além do tempo”.<sup>32</sup> Interessa-lhe

encontrar os pequenos ossos por ali espalhados que, todos juntos, formarão as mãos do Chefe Original, essas ósseas e mágicas mãos que deixaram tanta obra feita; depois os braços e as pernas, os ombros altivos e os quadris. É uma questão de tempo, acabarão por tê-lo todo inteiro para lhes iluminar as decisões.<sup>33</sup>

Quanto aos prisioneiros, resta-lhes realizarem, todos os dias, a tarefa de pesquisar o solo com a minúcia que o poder da prodigiosa memória que possuem lhes garante – situação que, para J. Mungau, parece paradoxal, pois, se o crime que os homens expiam é um crime do pensamento, não lhe parece coerente impor-lhes um trabalho que é quase mental e que somente reforça capacidades julgadas e punidas como malditas. À expressão desse paradoxo, J. Mungau recebe a seguinte explicação do Chefe da Aldeia:

Tens de aprender a distinguir lembrança de tradição, Prisioneiro... Ambas dependem da memória mas são inteiramente diferentes. Enquanto a lembrança é um exercício individual e rebelde, fútil e pouco produtivo, a tradição é fruto da ordem. Estes prisioneiros chegaram aqui com as suas privadas e desprezíveis lembranças. Acusavam as autoridades de acontecimentos antigos, acontecimentos dispersos que hoje não fazem qualquer sentido. Aos poucos, contudo, vão chegando à tradição, a este sentido supremo que é sabermos todos de onde vimos, esta certeza de

<sup>30</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 96.

<sup>31</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 96.

<sup>32</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 97.

<sup>33</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 98.



virmos todos do mesmo lugar. E sobretudo, esta vontade de fazermos hoje como foi feito antigamente.<sup>34</sup>

O Campo Novo é o espaço da força, das engrenagens de carne e osso que se encarregam da extração do petróleo. Nele estão os prisioneiros que se preocupam com o presente e, sobretudo, com o futuro. Esses conformam aquelas “singularidades transformadas”,<sup>35</sup> defendidas pelo Professor do Campo de Trânsito, e apresentam uma capacidade de organização que demonstra seu sofisticado domínio da relação entre o singular e o coletivo. Tal domínio, no entanto, não os torna imunes às manobras do Chefe da Aldeia que, de maneira sagaz, administra o Campo Novo “dividindo e voltando a unir as forças que se lhe opõem segundo as conveniências da tarefa de que foi incumbido”.<sup>36</sup>

Sob esse modelo administrativo, o Campo Novo se caracteriza pela instabilidade. Esta se projeta, também, sobre as máquinas, uma vez que os prisioneiros são “incapazes de proceder às operações complexas que a reparação requer, presos à repetição dos gestos, a fazer apenas aquilo que lhes é ensinado”.<sup>37</sup> Para consertá-las, necessária se torna a presença dos velhos prisioneiros do Campo Antigo, que o fazem “não por interesse nessa actividade, que desprezam por ser moderna, mas movidos pelo prazer de descobrir, e repor, a lógica que faz funcionar as engrenagens”.<sup>38</sup>

As relações que se estabelecem entre o Campo Antigo e o Campo Novo parecem ser aquelas que permeiam os contatos/confrontos entre a tradição e a modernidade. Mantidas em espaços separados, essas duas realidades parecem encenar a reorganização política de Moçambique após a independência, que, conforme citação anterior de Carlos Serra, caracterizava-se pela tentativa da FRELIMO de mudar os homens, regenerando o Antigo e criando o Novo.

Compreende-se, por essa via, a preocupação do Chefe da Aldeia com a recuperação de uma memória que os tempos modernos da pós-

<sup>34</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 102.

<sup>35</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 110.

<sup>36</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 113.

<sup>37</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 117.

<sup>38</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 117.



independência moçambicana desejam apagar. Na narrativa, o apagamento da memória do antigamente parece respeitar as engrenagens da modernidade, naquela postura de exclusão, pela FRELIMO, das formas tradicionais baseadas na religião, origem étnica ou linhagem aristocrática como componentes da identidade nacional. Daí sua incansável faina em impulsionar a pesquisa do chão, uma vez que essa pesquisa, para o Chefe da Aldeia, “está permitindo descobrir um passado muito mais nítido do que o presente que hoje se vive”.<sup>39</sup> Ciente de que, no presente narrativo, essas duas realidades não se aproximam, pois o quadro político não permite que se estabeleça entre elas nenhuma interação, o Chefe da Aldeia evita o contato entre os prisioneiros dos dois campos, para não “unir o músculo à perspicácia, a força à inteligência”.<sup>40</sup> E aguarda o dia em que as escavações dar-lhe-ão razão, trazendo para a superfície as marcas do passado, momento em que o Diretor do Campo de Trânsito, como poder político local, “será obrigado a reconhecer os nossos [do Chefe da Aldeia e das populações rurais] direitos, um dia será obrigado a ceder!”.<sup>41</sup>

Enquanto isso, diferentemente dos demais personagens que encenam o devir-animal kafkiano, o Chefe da Aldeia, com seus “dedos dos pés retorcidos saindo das sandálias como raízes que procurassem no chão o alimento”,<sup>42</sup> instala no contexto narrativo a própria tradição moçambicana. Na simbologia da árvore a que sua imagem nos remete, lemos a centralidade que faz com que a personagem se torne uma figura axial, Eixo do Mundo,<sup>43</sup> que reúne, em torno de si, não somente o Campo Antigo e o Campo Novo, mas também o Campo de Trânsito. Como figura axial, Eixo do Mundo, o Chefe da Aldeia sabe, “a sua avançada idade permite-lhe saber que, uma vez rasgado, será necessário remendar o pano do mundo com as linhas da tradição”.<sup>44</sup>

Em contraponto à centralidade do Chefe da Aldeia, encontramos

<sup>39</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 118.

<sup>40</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 117.

<sup>41</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 118.

<sup>42</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 90.

<sup>43</sup> Jean Chevalier e Alain Gheerbrant [*et alli*], *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1988), pp. 84-90.

<sup>44</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 193.





o Diretor, que, qual Anansé, a aranha, que preparou a matéria dos primeiros homens para que o deus do céu lhes insuflasse vida,<sup>45</sup> tenta organizar, em pastas de arquivo “alinhadas e numeradas com uma letra cuidadosa e miudinha”,<sup>46</sup> aquele

espaço desarrumado onde cada um faz o que quer, e fá-lo à maneira antiga. Onde se misturam celeiros com animais, animais com gente, onde se espera pela chuva como se espera pelo destino; em vez de o fazer acontecer, em vez de fazer chover.<sup>47</sup>

No entanto, como aranha fadada a tecer a frágil realidade de aparências ilusórias, ao invés de configurar o Campo de Trânsito como espaço de regeneração, dentro do ideário frelimiano, o Diretor acaba por revelar, em suas anotações, a fragmentação que o espaço impõe a seus ocupantes e, portanto, a impossibilidade de se alcançar, no Campo de Trânsito, o coletivo proposto pelos novos ideais políticos da FRELIMO:

As pastas Um e Dois, relativas à *Correspondência*, incluem os processos dos prisioneiros. Ali, as suas anônimas e miseráveis biografias merecem por uma vez alguma atenção. Surgem aos pares, em grupos ou mesmo individualmente, neste último caso se o contexto que os enreda é complexo ou grave a ponto de merecer um exclusivo ofício expedido, ou então uma nota recebida. Todavia, nenhum deles surge em corpo inteiro, com uma reconhecida singularidade. Os termos que os referem são “secções”, “carradas”, “levas”, “grupos”, “cargas”, e mesmo “unidades”. A Mungau vêm à idéia caixas de braços, pacotes de cabeças, desirmanados pedaços. O tão almejado colectivo não passa afinal de um somatório, já não de singularidades mas de fragmentos dessas mesmas singularidades.<sup>48</sup>

As transformações verificadas nesses personagens expressam como se operam neles os agenciamentos sociais e políticos que formam a matéria da narrativa. O Chefe da Aldeia e o Diretor encarnam, respectivamente, o poder da tradição e o poder da modernidade. Ambos

<sup>45</sup> Chevalier e Gheerbrant, *Dicionário de símbolos*, pp. 70-2.

<sup>46</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 59.

<sup>47</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 202.

<sup>48</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, pp. 202-3.





formam os agenciamentos burocráticos que negociam o poder em Moçambique após a independência. Entre eles, J. Mungau se debate entre limiares de intensidade, numa experiência que vai colocar o leitor em contato com uma realidade em que as relações entre os espaços e as personagens que os habitam descortinam a fragilidade das hierarquias, a imprecisão das fronteiras entre subalternidade e poder, injustiça e justiça, cárcere e liberdade, ódio e amor, alteridade e identidade.

É o que se verifica, por exemplo, na relação do Professor com os prisioneiros do Campo de Trânsito e com sua mulher. O Professor, “homem vulgar, não fosse o caso de suas mãos serem rígidas, os dedos espetados como paus de giz”,<sup>49</sup> encena na narrativa o conhecimento sobre a nova ordem instalada no Moçambique pós-independência. Por isso, pode proporcionar aos prisioneiros o conhecimento que, supostamente, eles necessitam adquirir no Campo de Trânsito. Sua relação com os prisioneiros é de complacência, uma vez que lhe compete “ajudar os seus alunos a percorrer o caminho desde a obscuridade até à luz”.<sup>50</sup> Como âncora do Diretor, o Professor atua no Campo de Trânsito de maneira a substituir o modo de conhecer o mundo da tradição – representada pelo Chefe da Aldeia – pelo conhecimento moderno. Supostamente, sua ação garante aos prisioneiros o acesso ao conhecimento que a nova noção de coletividade, trazida pela FRELIMO, pede que eles pratiquem. No entanto, a relação do Professor com sua mulher é marcada pela resposta tradicional que ela oferece aos extremismos de sua perturbadora e exaustiva busca pelo conhecimento moderno.

A mulher do Professor, “mais chegada à terra, literalmente inclinada sobre ela enquanto cava, ... mais arredia ao conhecimento ... não anda à procura de respostas”.<sup>51</sup> À maneira do caranguejo, a mulher do Professor não estabelece uma relação explícita com os prisioneiros do Campo de Trânsito. Enterrada diariamente em sua horta, alimentando-se dos poucos alimentos que cultiva, ela apresenta um comportamento sombrio, sinistro, com ações que salientam a sua “pinça” que se abre e fecha para tentar resistir bravamente ao conhecimento novo que o Pro-

<sup>49</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 74.

<sup>50</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 75.

<sup>51</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 74.



fessor instala no Campo de Trânsito. Andando para trás – para a tradição –, ela instala no presente do Campo o mal maior de permanecer como marca de um excesso de singularidade que expõe as fraquezas e incongruências das propostas modernas do Professor.

Estrangeiro num campo de trânsito no qual oscila entre a possibilidade de apadrinhamento ao poder, pelo vínculo que pode manter com o Diretor ou com o Professor, e uma aliança com a tradição, por uma ligação com o Chefe da Aldeia ou com a mulher do Professor, e, ao mesmo tempo, afastado gradativamente de um futuro sem ter encontrado o seu lugar no presente, J. Mungau se amargura com a descoberta de que deixou de saber o lugar ao qual pertence. Resta-lhe, pois, inventar um terceiro lugar, um lugar intermediário, que lhe permita experimentar, pelo menos ilusoriamente, uma sensação de pertença:

Há tempos que não o assalta a obsessão de saber de que o acusam, a obsessão de voltar a atravessar a grande floresta. Não teria para onde ir. Substituiu tudo isso pelo trabalho de fabricar – parece-lhe ser essa a palavra mais adequada – uma familiaridade nova com objectos, pessoas e lugares. Retorna vezes sem fim à grande pedra junto ao rio só para ver se ela não mudou de posição. Descreve mentalmente este lugar quando está longe, e quanto mais exacta sente essa descrição mais nítida é a sensação de que está inventando uma nova casa.<sup>52</sup>

Em *Campo de trânsito*, a recriação da vida dos “internos” e dos problemas que eles enfrentam em sua convivência diária cria uma intermediação entre espaço e tempo que mina as fronteiras maniqueístas do já referido protocolo utopiano de regeneração social do qual a FRELIMO estava imbuída nos primeiros anos do governo de Moçambique, que se caracterizava por

uma bipolaridade rude, de “cissiparidade” revolucionária permanente, uma constante “diabolização” dos inimigos da mudança presente em todos os actos da revolução, nos discursos, nos programas, nos julgamentos, nas punições públicas enfim nesse acto maciço que era a confissão partidária ou pública, fenómeno ao mesmo tempo uno e plural que acabou por ganhar um cunho popular. A sigla é simples: quem não está

<sup>52</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 122-3.



conosco, está contra nós. As inércias, os *habitus*, os antigos valores formam, naturalmente, uma barreira. Tudo isso é modulado, explicam os revolucionários da modernidade frelimiana, por múltiplos “males sociais”: pobreza, doenças, obscurantismo, alcoolismo, prostituições, poligamia, casamentos prematuros, vagabundagem, crime, individualismo, espírito pequeno-burguês, exploração da mulher pelo homem, exploração do homem pelo homem, males que vários tipos sociológicos exemplificavam: o soldado, o milícia, o polícia e o agente secreto coloniais, o régulo, o *kulak* rural, o polígamo, o comerciante desonesto, o candongueiro, o regionalista, o tribalista, o crente religioso, a prostituta, o ladrão, etc., todos de alguma forma expressos pela emblemática, ainda que masculina, figura do *xiconhoca*.<sup>53</sup>

Segundo Serra, esse ideário frelimiano deu origem a uma “cultura da suspeita”, marcada pela caça aos símbolos do passado. Talvez por isso *Campo de trânsito* vá desconstruir ironicamente os discursos do bem e do mal, do colonial e do pós-colonial, e demarcando-se de um projeto coletivo e essencializador de uma nação moçambicana, nos moldes em que nos apresenta Serra em sua reflexão sobre o ideário nacionalista da FRELIMO:

em toda a parte e a todos os níveis, os revolucionários buscam e procuram impôr a conformidade, a unanimidade, uma mesma forma de pensar e, afinal, de ser, através de um Estado poderosamente estendido e comandado por um Partido hegemônico, central e absolutamente ablator de qualquer manifestação de alteridade ou de descentralização periférica.<sup>54</sup>

Ao contrário, a nação moçambicana proposta pela narrativa vai nos colocar em contato com o movimento, com o trânsito que resulta das relações nem sempre harmônicas entre passado e presente, colonial e pós-colonial. Ao fazê-lo, a narrativa de João Paulo Borges Coelho incide no flutuante e no incerto, na errância, na abertura de sentidos, no jogo dos possíveis, na confluência de opostos. Nesse jogo de significados, a identidade resulta de uma série de sedimentações negociadas ao longo da história de Moçambique.

<sup>53</sup> Coelho, *Campo de trânsito*, p. 101-2 (grifos do autor).

<sup>54</sup> Serra, *Novos combates pela mentalidade sociológica*, p. 104.





Assim, *Campo de trânsito* caracteriza-se por uma travessia de sentidos inesperados que deixam o leitor perplexo, inserido que é no cotidiano incontrolável de personagens e lugares que se constituem a partir de linhas de fuga e traduzem a caricatura de um país convulso, em transição. Trata-se de personagens e lugares de interrogação e de especulação, que nada podem definir, mas que tudo podem evocar. Personagens e lugares de questionamento e de memória, que rasuram a centralidade de uma ordem específica, propondo uma outra visão da História de Moçambique na pós-independência e permitindo-nos constatar que os espaços de memória constituem, mais do que um espaço de resistência, um foco de intermediação sobre os laços existentes entre o antes, o agora e o depois.

*Recebido em 23/05/2009 e aprovado em 12/01/2011*

#### **Resumo**

O artigo investiga como a narrativa *Campo de trânsito*, de João Paulo Borges Coelho, insere o leitor na experimentação dos impactos da “revolução frelimiana” sobre Moçambique, por meio da construção de uma metáfora política e social que recupera a memória dos “centros de reeducação” criados pela FRELIMO nos anos 70 e 80.

**Palavras-chave:** Literatura moçambicana – FRELIMO – Centros de reeducação – João Paulo Borges Coelho

#### **Abstract**

The article investigates how the narrative *Campo de trânsito*, written by João Paulo Borges Coelho, inserts the reader in the experience of the impact of the “FRELIMO revolution” on Mozambique through the construction of a political and social metaphor that retrieves the memory of the “centers reeducation” created by FRELIMO in the 1970s and 80s.

**Keywords:** Mozambican literature – FRELIMO – Centers of reeducation – João Paulo Borges Coelho